
PRÁTICAS E SENTIDOS DA APRENDIZAGEM NA PROSTITUIÇÃO*

Marina França**

Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil

Resumo: *Este artigo analisa a aprendizagem da prostituição, olhando para a iniciação na atividade e para o desenvolvimento de habilidades, a partir de uma abordagem desenvolvida por Jean Lave, em torno da aprendizagem de práticas sociais. A retomada dos dados de uma pesquisa anterior e uma volta a campo na zona boêmia de Belo Horizonte sob o enfoque da aprendizagem situada permitiu novas leituras e trouxe novas contribuições: evidenciou a interação das novatas com o ambiente de maneira a adequar suas práticas, bem com a importância das histórias contadas entre as prostitutas na aprendizagem do modo de trabalhar, falar, portar-se como uma profissional e lidar com os clientes. Pensar as continuidades e diferenças nos modos de agir das prostitutas e as conexões entre os diversos contextos em que elas transitam apontou também as transformações sócio-históricas da própria prática da prostituição na zona boêmia.*

Palavras-chave: *aprendizagem, práticas sociais, prostituição, valores sociais.*

Abstract: *This paper analyzes the apprenticeship of sex work, observing the initiation in the activity and the development of skills, from an approach developed by Jean Lave, around the apprenticeship of social practices. The reconsideration of the data from a previous research and the return to the field in the Bohemian zone, a red light district of Belo Horizonte, with a focus on situated learning brought new contributions: it highlighted the interaction of novices with the environment in order to adapt their practices, as well as the importance of stories told among sex workers for learning*

* As primeiras versões deste texto foram apresentadas na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em maio de 2014, em encontro com a professora Jean Lave (UC Berkeley) e com o grupo “Aprendizagem e Cultura”, coordenado pela professora Ana Gomes, e o grupo coordenado pelos professores Francisco Antunes Lima e Rodrigo Ribeiro, do Departamento de Engenharia de Produção, e no GT23 da 37ª Reunião Nacional da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). O artigo conta assim com comentários e sugestões dos(as) participantes, bem como de uma segunda leitura de Jean Lave.

** Em pós-doutoramento (bolsista Capes/PNPD Institucional). Contato: marinafr@gmail.com

ways of working, talking, behaving and dealing with customers. To think about continuities and differences in the modes of action of sex workers and the connections between the different contexts through which they transit also pointed out the socio-historical transformations of the practice of sex work in the Bohemian zone itself.

Keywords: *apprenticeship, sex work, social practices, social values.*

Introdução

Neste trabalho, trato da prática da prostituição, dialogando principalmente com o trabalho de Jean Lave (2011; Lave; Wenger, 1991) sobre aprendizagem na prática, considerando a aprendizagem de trabalhadoras do sexo iniciantes,¹ a circulação de saberes das prostitutas durante sua trajetória “na vida” e as transformações pelas quais a própria prática vai passando ao longo das gerações de participantes. Faço isso através de uma releitura de dados de uma pesquisa anterior² sobre transações afetivas e sexuais no mercado do sexo, e de uma volta a campo na zona boêmia de Belo Horizonte para aprofundar as observações sobre os processos de aprendizagem. Tal enfoque levanta questões sobre o estudo das práticas sociais, a aprendizagem de práticas sexuais e as conexões que as pessoas realizam entre diferentes contextos em que transitam em sua vida cotidiana.

Em meu doutorado, abordei as trocas afetivas, sexuais e econômicas vividas por prostitutas dentro e fora do contexto de prostituição (França, 2011, 2014). Analisei como habilidades relacionais e um trabalho sobre suas próprias emoções (Hochschild, 2003) são importantes para realizar bem a atividade, conquistar a clientela e manter uma “boa distância” (Jeantet, 2003) nas interações, desenvolvendo afetuosidade e, ao mesmo tempo, evitando demasiado envolvimento com os clientes. Tratei também de como algumas

¹ Centrei-me nas narrativas e experiências de mulheres cisgênero, embora travestis tenham também participado da pesquisa, já que na época em que realizei a maior parte das entrevistas na zona boêmia, apenas mulheres cisgênero podiam alugar quarto nos hotéis. Desde 2013, alguns hotéis começaram a receber travestis. Tais mudanças devem ser objeto de outra análise.

² Minha tese de doutorado (França, 2011) foi realizada na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), baseada em trabalho de campo realizado na zona boêmia de Belo Horizonte, principalmente entre 2005 e 2009, mas também em outros espaços de prostituição de Belo Horizonte e no Bois de Boulogne (Paris), em que convivi e entrevistei mulheres cisgênero e trans brasileiras.

interações com os clientes podem se transformar, acontecendo mudanças nas práticas e transações e possíveis deslocamentos das relações para o âmbito privado. Nesses deslocamentos, podem também ocorrer trânsitos entre estilos de afeto, já que há estilos mais característicos em cada modalidade de intercâmbio sexual (Piscitelli, 2011). Afetos e transações circulam tanto na esfera profissional quanto na esfera privada, e os dois âmbitos não são estritamente delimitados. As prostitutas fazem uma série de articulações entre eles, tentando tecer “boas conexões”, evocando o termo de Viviana Zelizer (2009) para o fato de que as pessoas intersectam constantemente atividade econômica e intimidade, buscando estabelecer boas combinações entre ambas.

O novo enfoque em minha pesquisa na prática como um contínuo processo de aprendizagem não se chocou ao trabalho anterior, mas evidenciou outras relações e processos, que eu não percebia ou apreendia de maneira distinta. Em *Apprenticeship in critical ethnographic practice*, Jean Lave (2011) defende que a mudança na problemática teórica de uma pesquisa implica mudanças em suas premissas, nas questões colocadas, nos instrumentos analíticos e nos conceitos explorados. Lave chama a atenção para a aprendizagem presente em qualquer prática social e aborda o próprio processo de pesquisa como aprendizagem. Ressalta a importância de se reler e repensar o próprio trabalho, e de se tornar um(a) aprendiz de sua própria prática, sempre em transformação. A antropóloga considera que tanto as práticas quanto seus participantes e também os(as) pesquisadores(as) estão sempre em processo de transformação em um mundo em contínua mudança.

Pensar a prostituição enquanto prática social a partir de tal aporte teórico alterou as questões colocadas na pesquisa e a percepção do mundo da prostituição e das interações que ali se dão. Tomando a aprendizagem da prostituição como eixo de investigação, reli meus dados de campo,³ e realizei novas entrevistas na zona boêmia de Belo Horizonte. Participei, nesse tempo, de atividades da Associação de Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig), principalmente como assessora de projetos. Minha participação na Aprosmig foi na maior parte do tempo dissociada de minha pesquisa, no sentido de meu trabalho se

³ Frequentemente reuniões com prostitutas no Grupo de Apoio à AIDS de Minas Gerais (Gapa-MG) em 2005, em 2007 e em 2009. Além disso, participei de reuniões na Associação de Prostitutas de Minas Gerais entre 2012 e 2016. Realizei entrevistas formais com mais de 30 prostitutas durante os períodos de trabalho de campo, e com várias delas repeti os encontros, acompanhando parte de suas trajetórias.

voltar para temáticas distintas da organização e mobilização política das prostitutas e de eu não estar buscando fazer uma observação participante. Minha atuação na associação se aproxima do que Bruce Albert, antropólogo francês que trabalha com os Yanomami, propõe como “pacto etnográfico”, que inclui um papel de mediação do antropólogo, um papel político e simbólico de tradução entre dois mundos, uma contrapartida aos dons e saberes do grupo que estuda (Kelly Luciani, 2011; Kopenawa; Albert, 2010). No entanto, as trocas e histórias vividas na Aprosmig não deixaram de impactar meu trabalho. Principalmente, quando me interessei pelas práticas na prostituição, estive mais atenta nas reuniões e conversas informais aos diálogos entre as prostitutas, às maneiras como as regras e os modos de trabalho são transmitidos umas às outras, e ao desenvolvimento de habilidades exigidas na prática sexual e no atendimento ao cliente. Fiz também perguntas sobre esses temas às minhas parceiras de trabalho.

Colocando a aprendizagem como questão em minha pesquisa, sem que eu percebesse de imediato, o enfoque nas relações entre prostitutas e clientes – central em minha pesquisa de doutorado – tornou-se menos preponderante e as interações entre as prostitutas ganharam relevância. Outro deslocamento aconteceu. Eu evitava o tema dos conflitos – sobretudo da competição – entre prostitutas, encarando-os como semelhantes às relações de trabalho em outros empregos, e percebendo que o modo como se costuma abordá-los na prostituição contribui para a estigmatização da atividade. Encontro ecos dessa rejeição na constatação de Adriana Piscitelli (2013) de que muitos estudos sobre prostituição no Brasil evacuum o tema da violência, provavelmente em reação às posturas antiprostituição que consideram essa atividade como exploração extrema das mulheres.

Através de uma perspectiva de investigação da prática social como a proposta por Jean Lave, a atenção para as trocas entre as prostitutas e para os discursos delas sobre as colegas fez com que eu compreendesse também o conflito como parte da reprodução das participantes, de mudanças geracionais e da transformação da própria prática da prostituição. Minha imagem do mundo da zona boêmia foi modificada. Já chamavam minha atenção as conexões da prostituição com o conjunto da vida social. Mas pensar as práticas sociais em transformação fez sobressair a dimensão temporal e histórica da zona boêmia, e complexificar a percepção das conexões das práticas com contextos e mudanças sociais, econômicos, sexuais e políticos mais amplos.

A zona boêmia de Belo Horizonte

A zona boêmia fica no centro da cidade e é formada por hotéis de prostituição, situados em torno da rua Guaicurus, nome que é também usado para se referir à região. As prostitutas alugam um quarto por dia, ou por turno, e negociam diretamente com os clientes na porta de seus quartos. Em razão dos baixos preços do programa,⁴ da grande quantidade de trabalhadoras e da alta rotatividade de clientes, têm sido dados nomes à zona boêmia como “*shopping* popular do sexo” ou “sobe e desce” (fazendo alusão às escadas dos mais de 20 hotéis da região, que muitos homens percorrem, olhando as profissionais de cada quarto). Muitas interações são efêmeras, seguindo um mesmo modelo, com a repetição de atos e frases semelhantes. Muitos programas são rápidos e impessoais. O “básico”, mais procurado, dura no máximo 15 minutos e tem práticas delimitadas (“sarrinho”, felação e no máximo três posições de sexo vaginal).

Nesse sentido, a configuração da prostituição nos hotéis se aproxima do paradigma moderno-industrial proposto por Elizabeth Bernstein (2007), caracterizado pelo foco nos serviços sexuais e pela importância da demarcação entre vida pública e vida privada das prostitutas. Bernstein propõe três paradigmas da prostituição, de acordo com as épocas: modernidade incipiente, moderno-industrial e pós-industrial. A autora precisa que os paradigmas que propõe, aos quais voltaremos, são esquemas para facilitar a compreensão das realidades, e reconhece que diferentes formas de comércio do sexo existiram em distintos tempos e lugares – como no caso das *courtisanes* francesas ou das gueixas no Japão – e não desapareceram. Mesmo se a análise de Bernstein é criticada pelo “pelo grau de generalização presente na elaboração desses paradigmas e pela distribuição evolucionista de temporalidades entre ‘Primeiro’ e ‘Terceiro’ mundos” (Piscitelli, 2011, p. 559), “a observação da co-existência ou superposição de diferentes modalidades de prostituição, que envolvem dinâmicas interpessoais e estilos diferenciados de vinculação entre erotismo e emoções, é sugestiva” (Piscitelli, 2011, p. 560).

Com efeito, coexistem ao longo do tempo na zona boêmia diferentes modelos e práticas, e traços dos diferentes paradigmas. A zona de Belo Horizonte

⁴ Uma boa parte das prostitutas e dos clientes provém de classes desfavorecidas.

pode ser considerada um *fast foda*, uma modalidade que exige a realização de muitos programas para ser lucrativa e demanda “menos envolvimento social e/ou emocional entre a prostituta e o cliente” (Blanchette; Silva, 2009, p. 45). Mas esse não é o único lado do que acontece na zona boêmia. Existe uma série de diversificações de tempo, práticas e intimidades no programa, que envolvem outras modalidades de interação e de afetos.

É importante ressaltar que as relações na zona boêmia de Belo Horizonte são marcadas por uma “cultura emocional brasileira”, que valoriza o carinho e a pessoalidade, mesmo em interações comerciais. Prostitutas e clientes dos hotéis afirmam que as qualidades mais importantes para o sucesso de uma prostituta são a simpatia, a educação e a afetuosidade. Em contextos internacionais em que há a presença de prostitutas brasileiras, nota-se, aliás, que essas, mais que prostitutas de outras nacionalidades, tentam conquistar os clientes através da afetuosidade (cf. Piscitelli, 2007; Ribeiro et al., 2005).

Além disso, a fidelização de clientes é muito comum e alguns clientes frequentam a mesma prostituta durante anos. Essas relações podem envolver carinho, companhia (em diferentes *settings*, no hotel, no motel, no *shopping* para fazer compras, em bares ou restaurantes e mesmo na casa da família da prostituta ou do “cliente”), amizade, sedução, asco, prazer, “consideração” (Piscitelli, 2011), trocas de informações, amor. As diversificações dependem dos limites de cada mulher e das interações que ela desenvolve com clientes específicos. Mudanças nas práticas implicam muitas vezes modificações nas trocas econômicas.

Tendo uma interação breve ou duradoura com a prostituta, há clientes que procuram especialmente por uma “autenticidade demarcada”, buscando “uma forma autêntica e significativa de intercâmbio interpessoal” (Bernstein, 2008, p. 341), com fronteiras precisas. Bernstein identifica essa tendência com o paradigma pós-industrial da prostituição, especialmente na prostituição de classe média e de luxo em grandes cidades da Europa do Leste e dos Estados Unidos. Esse paradigma é ligado à transição de um modelo econômico baseado na produção para um modelo baseado no consumo, estendido à esfera privada. Remete à *girlfriend experience*, que, como se pode ver no filme de mesmo nome de Steven Soderbergh,⁵ propicia uma ilusão momentânea de

⁵ Cf. *The girlfriend experience* (2009).

encontro amoroso, valorizando a conversa e a reciprocidade do prazer e incluindo de maneira mais sistemática o beijo na boca. Blanchette (2011, p. 84) traduz o termo como “experiência de namorada”, um estilo especial “conhecido por clientes e prostitutas no ramo norte-americano da indústria de sexo”. O autor identifica em certas modalidades do mercado do sexo carioca esse estilo que exige mais tempo e “energia emocional” da trabalhadora.

Na zona boêmia, os encontros em que se buscam intensidade emocional e compartilhamento de intimidades sexuais, afetivas e informacionais são comuns. Percebem-se influências contemporâneas nas demandas dos clientes por serviços mais personalizados, em seus desejos de reciprocidade sexual (buscando o gozo sexual das prostitutas), na valorização do beijo na boca ou nas fantasias requisitadas, influenciadas por material pornográfico atual. No entanto, interações mais íntimas não são recentes na zona boêmia e podem inclusive ter raízes no início do século XX, quando os hotéis funcionavam como cabarês; prostitutas e clientes se encontravam nos bares, dançavam, bebiam e conversavam. Tal configuração se relaciona com a proposta de Bernstein de um paradigma da prostituição na modernidade incipiente, marcada por bordéis dirigidos por *mesdames* e um ambiente de socialização.

Segundo Andrade e Teixeira (2004), em Belo Horizonte, no início do século XX, havia uma distinção dos programas realizados em cabarês luxuosos, principalmente por prostitutas estrangeiras ou ditas estrangeiras, e os mais baratos, realizados por prostitutas brasileiras em cortiços com quartos precários, com menos preâmbulos ao ato sexual. Margareth Rago (1991) também aponta distinções de locais na prostituição do início do século XX, em São Paulo, mesmo se existia circulação de prostitutas e de clientes entre os dois mundos.

Se o mundo da prostituição chique pode ser metaforizado através de imagens que evocam prazer e tranquilidade, ao mesmo tempo que violência e depravação, o baixo meretrício vem inevitavelmente associado à idéia da animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade. Tudo aí passa pelo crivo do negativo, do sombrio, da brutalidade humana. (Rago, 1991, p. 242).

Divisões por locais, classe e “raça” influenciam as modalidades de interação no mercado do sexo. A *girlfriend experience* é mais explicitada em programas negociados através de *sites* de “acompanhantes” de Belo Horizonte,

com clientes e prostitutas de origem social mais elevada que na zona boêmia. Como aponta Wendy Chapkins (1997), diferenças de classe e *status* não apenas dividem os lugares ocupados pelas trabalhadoras no comércio do sexo, como criam distintas experiências, inclusive em relação ao valor e respeito com que são tratadas. A prostituição reproduz hierarquias sociais e as próprias trabalhadoras dividem e atribuem valores diferentes às modalidades de comércio do sexo. No mercado do sexo da cidade, a mulher “de zona” é mais estigmatizada.

Há nos próprios hotéis uma diversidade de perfis socioeconômicos, “raciais”, educacionais e geracionais. Ainda hoje, hotéis mais caros, com melhor infraestrutura, são ocupados principalmente por mulheres jovens, de pele mais clara e dentro dos padrões estéticos socialmente valorizados. Têm mais mulheres de classe média que os hotéis chamados de “sacolão” (feira em que se encontram produtos mais baratos) ou “das tias”. Nos mais baratos, encontra-se maior quantidade de mulheres acima de 40 anos, mulheres negras e mulheres com sobrepeso.

Mas profissionais circulam entre os hotéis e há também contato entre funcionários e donos dos diferentes estabelecimentos. Mesmo se os preços dos programas e do aluguel e a qualidade do quarto variam de um estabelecimento a outro, as regras de aluguel e dos programas costumam ser as mesmas, fazendo com que as práticas da zona boêmia estejam interconectadas. Assim, outra característica da zona boêmia é a existência de um ambiente familiar. Mulheres trabalham ali há mais de 15 anos e conhecem, com mais ou menos intimidade, muitas colegas de trabalho, funcionários, donos de hotéis, clientes e comerciantes do entorno.

Podemos identificar, observando a história da zona boêmia e seguindo os paradigmas da prostituição traçados por Bernstein, um modelo central de prática que teria passado pelo modelo dos cabarés como local de socialização masculina e iniciação sexual; em seguida por um modelo de delimitação de tarifas e práticas sexuais e por uma demarcação mais rígida entre as esferas privada e profissional, que poderíamos chamar de mais “taylorizado”; e mais recentemente, por uma nova valorização da intimidade e por uma diversificação de práticas sexuais. As práticas da Guaicurus têm uma continuidade e, ao mesmo tempo, estão em transformação, conectadas ao conjunto da vida social. No último século, diferentes experiências e modalidades de intercâmbio vêm coexistindo e ocupando os quartos dos hotéis.

Iniciando a prática

Em *Situated learning: legitimate peripheral participation*, Jean Lave e Etienne Wenger (1991) propõem uma análise descentrada da aprendizagem, que tire o foco da relação aprendiz-mestre e das noções de destreza e de pedagogia, e atente para a circulação de informações, assim como para as relações de aprendizagem entre participantes de determinada prática social. Os autores entendem que a aprendizagem é “ela mesma uma prática improvisada” (Lave; Wenger, 1991, p. 93, tradução minha),⁶ organizada pelas práticas de trabalho e pelas possibilidades de engajamento dos participantes na atividade.

Na prostituição, a problemática da aprendizagem leva à reflexão sobre a iniciação e sobre o aprimoramento de técnicas e habilidades. Muitas vezes, não há uma etapa específica voltada para a aprendizagem ou uma relação sistemática de aprendiz-mestre com alguém mais experiente. Em minha pesquisa, apenas uma prostituta, Sara, de 27 anos, passou por uma preparação antes do primeiro programa, pois começou através da mediação de uma agência. Na Guaicurus, alguns gerentes dão explicações básicas quando sabem que a mulher está iniciando ou percebem que não está agindo de acordo com o *script* das outras profissionais. Mas eles não sabem necessariamente se a mulher que chega ao hotel pela primeira vez já realizou programas e não fazem muitas perguntas, procurando não ser invasivos.

Assim, acontece de novatas não saberem regras básicas do trabalho. Acompanhando monitoras de saúde do Gapa, já encontrei iniciantes que não sabiam que deveriam usar preservativo para realizar sexo oral. Catarina, de 30 anos, mãe de dois filhos, que entrevistei duas vezes junto a uma colega, conta rindo que no primeiro dia no hotel trabalhou sem cobrar dos clientes, acreditando que eles acertavam o programa na gerência. Outra jovem negra que entrou na prostituição quando se tornou viúva deixou a porta de seu quarto fechada todo o dia, esperando os clientes baterem. Viviane, uma veterana, branca, mesmo sendo filha de uma prostituta, disse que ninguém lhe ensinou nada, fechou-se “entre quatro paredes” e foi aprendendo “na marra”.

As interlocutoras de José Miguel Olivar (2013) em Porto Alegre que entraram na “quadra” pelos ou com seus gigolôs, aprenderam com eles o que

⁶ No original: “Learning itself is an improvised practice.”

fazer – técnicas, saberes, como “transar mesmo” – e sobretudo o que não fazer – o sexo oral e práticas consideradas por eles além do “normal”. Na zona boêmia, não é presente a figura do gigolô. Mais comum é que novatas recebam indicações sobre as regras, as técnicas e a negociação de conhecidas ou parentes que já trabalharam na prostituição. Várias chegam sabendo qual hotel escolher, como é o funcionamento, como se prevenir, ganhar dinheiro e o que não deixar o cliente fazer. Fabiana de Sousa e Maria Waldenez de Oliveira (2012), em estudo sobre casas noturnas de São Carlos, também relatam que as prostitutas pouco sabiam sobre a prática quando iniciaram e que aprenderam principalmente com clientes e colegas. Uma participante de sua pesquisa também menciona que não sabia que deveria usar preservativo no sexo oral e que aprendeu a se prevenir com prostitutas mais experientes e visitas a ginecologistas.

É em grande parte através da oralidade que as prostitutas aprendem e aprimoram suas práticas, mesmo se algumas mulheres encenam técnicas e posições para orientar as iniciantes. Como os programas são realizados majoritariamente de maneira isolada, não há acesso direto às interações sexuais de outras prostitutas. Além disso, as práticas sexuais têm certa invisibilidade social, sendo visualizadas principalmente em meios audiovisuais, que têm cortes e *scripts* padronizados. Algumas de minhas interlocutoras da prostituição de rua contaram que assistiram a vídeos pornográficos para incorporarem cenários e terem ideias de como agir. Nos hotéis da zona boêmia, isso parece ser mais raro.

Grande parte da aprendizagem acontece através da imersão na prática. Uma vez no quarto, as iniciantes se engajam na atividade, orientando-se principalmente por suas experiências afetivo-sexuais pessoais anteriores. Algumas prostitutas dizem ter ficado intimidadas nos primeiros programas e utilizado bebidas alcoólicas para enfrentarem a situação. Pelas suas narrativas, percebe-se que deixaram os clientes guiar as interações. É comum que assinalem também que se comportavam “como namoradas”, sendo mais afetivas e permitindo maior diversidade de atos no programa.

As atividades sexuais heterossexuais estão inscritas em uma ordem cultural e social que prescreve como deve ser a interação entre os parceiros (Giami, 2008). De acordo com Gagnon (2008), os *scripts* sexuais estão ligados aos *scripts* de gênero. Tradicionalmente, no sexo, os homens devem adotar um comportamento expressivo, tomar as iniciativas e conduzir às etapas seguintes

e ter maestria sobre as práticas sexuais. Espera-se das mulheres que sejam mais passivas, mas que expressem prazer e reações ao longo da interação.

As prostitutas devem então, aos poucos, aprender a fazer sexo de outra maneira. Com a “repetição” (Gomes et al., 2012) do programa, elas distanciam seu modelo de atuação de uma relação romântica para enquadrá-lo de maneira comercial. A quantidade de homens que recebem, a percepção de suas próprias ações e os retornos dos clientes ajudam a adequar a prática. Aprendem a colocar limites corporais, temporais e afetivos na interação. A narrativa então muda; habilitando-se no ofício e em suas técnicas, são as prostitutas que guiam o programa, administram as demandas dos clientes e negam práticas incômodas.⁷ Como aparece no livro *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*, de Olivar (2013), a diferença entre prostituta e mulher é que a primeira sai do lugar de passividade/“comida”/“presa” e controla a situação, estabelece regras, desconfia, pensa adiante. A prostituta corporifica a “caçadora”, impõe sua perspectiva e realiza uma dessubjetivação do cliente. Assim, as relações de poder hegemônicas na heterossexualidade são afetadas.

Quando lhe pedi para me contar o desenrolar do programa, Barbara, negra, de 23 anos, explicitou que desenvolveu sua percepção das reações dos clientes e também que é ela que costuma guiar o programa.

Geralmente, o primeiro de tudo é a chupada. Aí, acabou de chupar, fala assim: “Vamos lá, meu bem?” Só, que tipo assim, quando o homem permanece, é assim, uma certa habilidade que a gente desenvolve, saber como que o homem quer. Quando eles permanecem deitados, é que eles querem que a mulher deite por cima. Mas quando a gente acaba de chupar, já têm aqueles que levantam. Então, quer dizer, querem começar de outra maneira... Quando eles se levantam, eu pergunto: “Como você quer começar, meu bem?”, “Assim”, aí eu falo: “Tudo bem, se você quiser uma outra, você fala, que a gente troca.” Aí, beleza. Mas geralmente é o seguinte: eu costumo coordenar.

Aparece na fala de várias trabalhadoras que elas estabelecem suas preferências durante o ato sexual e evitam certos atos e posições sexuais; são elas que tomam as iniciativas e limitam as práticas. Fazem isso procurando ser

⁷ Na pesquisa de Sousa e Oliveira (2012), uma prostituta de São Carlos conta que aprendeu que não devia aceitar todos os clientes e suas solicitações com suas colegas.

sensíveis ao desejo do cliente. Os programas demandam diferentes habilidades, como atenção a possíveis perigos, destreza corporal, controle do tempo, análise do tipo do cliente e consequente adaptação do papel a desempenhar. Priscila, carioca, branca, de 50 anos, fica quieta no programa a não ser quando os clientes dão indicações do que gostam de escutar. Ela tenta perceber as reações deles e descobrir o que gostam, e acredita que é por isso que ela tem tantos clientes “fixos”.

As trabalhadoras do sexo desenvolvem um “trabalho emocional” (Hochschild, 2003), adaptando a expressão de suas emoções para realizar uma boa *performance*, ou tentando mudar os próprios sentimentos de maneira mais profunda, para se adequar à situação e também para tornar o trabalho mais suportável. Buscam, por exemplo, neutralizar emoções como o nojo, associando o suor e o cheiro do cliente ao esforço no trabalho, ou estimular sentimentos de carinho e amizade pelos homens com quem interagem.

Conversando com minhas interlocutoras, também encontrei referências à influência da medicina em suas práticas. O conhecimento sexual das prostitutas é favorecido por se tornarem mais interessadas em ler cartilhas de saúde e revistas femininas, e procurarem com frequência médicos, principalmente ginecologistas. O saber médico aparece na justificativa de algumas por não fazerem programa com sexo anal, na descrição de suas características corporais, de posições sexuais mais confortáveis ou de produtos que utilizam.

A aprendizagem na prostituição acontece assim através da repetição e observação da prática, da troca com clientes, colegas e outros profissionais. De acordo com Lave e Wenger (1991), em uma “comunidade de prática”, mais que observar e imitar, os iniciantes participam, absorvem e são absorvidos em um sistema de atividades em que os participantes dividem compreensões acerca da prática e de seus sentidos. Atividade e compreensão estão conectadas; as informações e as conversas ajudam a dar sentido ao que os aprendizes observam e fazem. Na zona boêmia, as prostitutas estão continuamente observando outras profissionais interagindo com clientes nos corredores, trocando experiências com colegas, recebendo conselhos de prostitutas mais experientes e de funcionários, na gerência ou nas cantinas dos hotéis.

Algumas mulheres permanecem mais isoladas, mas, em geral, formam-se grupos de afinidade, em que frequentam os quartos umas das outras e partilham refeições. Grande parte das prostitutas da zona boêmia é mãe e chefe

de família. Elas alternam períodos na cidade onde a família mora e na zona boêmia (dormindo geralmente no hotel). Há muitas mulheres provenientes do interior de Minas Gerais e de outros estados, particularmente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Aquelas que dormem no hotel costumam ter uma convivência mais intensa, embora as amizades passem às vezes por rupturas e reconfigurações.

Nas conversas entre prostitutas, em interações rápidas ou com maior cumplicidade, a aprendizagem acontece em grande parte através de histórias que contam umas às outras, da transmissão de conhecimentos através de exemplos e contraexemplos de maneiras de trabalhar e de conselhos sobre escolhas profissionais e pessoais (como não se envolver com nenhum homem e priorizar os gastos com filhos e investindo em bens). María Elvira Díaz-Benites, etnografando os bastidores do pornô brasileiro, percebeu nos rituais pré-filmagem a troca de informações sobre o trabalho entre atores e atrizes, sendo comum as atrizes mais experientes darem conselhos a novatas. De acordo com a antropóloga, “o elenco também utiliza o set de filmagem como um espaço de transmissão de informações e aprendizado” (Díaz-Benites, 2010, p.75).

A configuração mais ampla dos hotéis de Belo Horizonte, ou seja, como funcionam, as relações conflituosas, cooperativas e sedutoras entre as prostitutas e a direção fazem também parte do que as iniciantes aprendem. Os participantes aos poucos criam uma ideia geral do que constitui a comunidade: quem está incluído, o que fazem, como falam, trabalham e andam, como conduzem suas vidas e interagem (Lave; Wenger, 1991). Durante o processo de aprendizagem, a prática e as relações sociais estabelecidas vão se transformando.

Participando

As relações sociais dos aprendizes dentro da comunidade mudam através de seu envolvimento direto em atividades; no processo, as habilidades dos aprendizes de conhecer e de compreender se desenvolvem. (Lave; Wenger, 1991, p. 94, tradução minha).⁸

⁸ No original: “The social relations of apprentices within a community change through their direct involvement in activities; in the process, the apprentices’ understanding and knowledgeable skills develop.”

Participando do mundo da zona boêmia, as profissionais tornam sua prática mais elaborada e ajustada aos objetivos que se colocam na profissão, dentre os quais: satisfazer e fidelizar os clientes, desenvolver “malandragens” para cobrar mais por um programa, ganhar e acumular dinheiro. Um dos principais saberes do local é extrair dinheiro do cliente através da sedução e da “lábria”. Uma técnica muito utilizada é propor um programa “caprichado”, “com mais calma”, com duração de meia hora, pois esse programa é mais caro, sem aumento proporcional da atividade sexual. Prostitutas experientes costumam também ensinar técnicas para “ludibriar” o cliente, como fazer sexo vaginal fazendo o cliente crer que está fazendo sexo anal.

As técnicas para obter mais lucro são conjugadas com cuidado e carinho, de maneira a que os clientes voltem a procurá-las ou as indiquem a conhecidos. É preciso pois aprender a fidelizar os clientes. Os “fixos” constituem uma fonte mais segura de renda, já que o “movimento de corredor” é variável ao longo do mês. Além disso, os clientes especiais às vezes pagam mais pelo programa, dão presentes a elas ou as “ajudam” a pagar contas ou adquirir bens. As relações com maior duração e intimidade podem subjetivamente ser mais ricas, mas tornam as regras e os limites do programa menos explicitamente demarcados, afetando o controle que as prostitutas desejam manter.

Preservar-se está entre as habilidades relacionais que as prostitutas desenvolvem. Isso inclui aprender a discernir os sinais dos clientes, como os de ameaça, casos em que adotam posturas de segurança, como se aproximar da porta e manter a mão para trás, na maçaneta. Fabiana de Sousa e Maria Waldenez de Oliveira (2012, p. 15) percebem nas prostitutas disponibilidade para vivenciar diferentes situações, mas também uma desconfiança constante e a utilização de intuição e imaginação para “apreender as intenções das pessoas com quem se relacionam (sejam clientes, parcerias afetivas, pesquisadoras, dentre outras) visando a identificar possíveis consequências das interações estabelecidas”.

As trabalhadoras do sexo aprendem também a enquadrar mensagens paradoxais (Bateson, 2002). Percebem, por exemplo, que muitas promessas dos clientes, como os pedidos de casamento, são inconsequentes, e passam a entrar no jogo de faz de conta. Como aponta Tim Ingold (2015), imaginar é relembrar. Em uma cena em constante mudança, as prostitutas “educam sua atenção” para variáveis relevantes que surgem no ambiente e improvisam guiadas por modos de fazer já testados ou transmitidos pelas colegas.

A prática toma sentido através da interação dos conhecimentos com a atuação cotidiana. Articulam-se percepção, sentimento, julgamento e ação do próprio corpo e de seus movimentos, do corpo do cliente, dos instrumentos de trabalho e do ambiente (Ingold, 2001).

Os instrumentos utilizados na prostituição são, aliás, outro elemento a que o enfoque na aprendizagem leva. A utilização de artefatos implica, além do domínio da técnica, a compreensão de seu uso e de seus significados dentro de uma comunidade de prática (Lave; Wenger, 1991). O preservativo é um dos principais instrumentos de trabalho das prostitutas. Mesmo se algumas já sabiam colocá-lo antes de começarem a fazer programa, desenvolvem técnicas para fazê-lo de maneira profissional, evitando o contato direto com o órgão sexual do cliente e suas secreções, incorporando o uso do gel lubrificante e testando diferentes marcas. O preservativo é visto tanto como um meio de prevenir infecções sexualmente transmissíveis como de marcar uma distância moral em relação ao corpo do cliente.

Tânia, uma jovem prostituta com quem conversei na cantina de um hotel, conta que ao iniciar a atividade, recebeu recomendações de sua tia, que era prostituta há 15 anos, quanto à maneira de colocar o preservativo. Em sua própria prática, Tânia foi adequando o manuseio do instrumento e desenvolvendo conhecimentos corporais. Aprendeu a sentir quando o preservativo está seco e corre o risco de estourar, sendo necessário colocar mais gel. Elementos subjetivos interferem também em sua prática. O medo de Tânia de o preservativo se romper provoca um excesso de utilização de gel lubrificante, passível de invalidar a prevenção, como alertou uma veterana que estava ao lado, explicando que não se deve exagerar a quantidade de gel, pois de acordo com o tamanho do pênis do cliente o preservativo pode sair dentro da vagina.

Falando sobre a prática, as colegas alteram o modo de trabalho umas das outras. Lave e Wenger (1991) estabelecem uma distinção entre *falar sobre* a prática e *falar dentro* da prática.⁹ As participantes na prostituição falam *sobre* a prática, não tendo geralmente acesso visual a grande parte da prática das colegas, a não ser quando realizam programa em dupla. Se certos temas e técnicas não são abordados, as prostitutas podem não saber como suas colegas procedem ou não terem acesso a determinadas informações.

⁹ *Ítalo* no original.

O preservativo feminino é um instrumento relativamente novo, que é disponibilizado na Aprosmig e em outras associações, mas que não foi amplamente incorporado na prostituição da zona boêmia. Muitas prostitutas são resistentes a ele, seja por sua estética, que os clientes rejeitam, seja por um incômodo físico ou por falta de familiaridade com o instrumento. Priscila explica que não utiliza o preservativo feminino no sexo vaginal, mas o aproveita no consolo quando os clientes pedem por sexo anal receptivo:

Eu não tenho confiança, e acho que eu também não sei usar direito, eu tentei algumas vezes, e não deu certo, aí eu fiquei com medo... e não usei mais. Mas descobri que para usar no consolo é maravilhoso! [...] Porque a masculina coloca e na hora de tirar, tem que estar mexendo com papel, e tendo um cuidado danado pra não sujar a minha mão, né!? Eu morro de nojo!

A experimentação com os materiais disponíveis e com o ambiente cambiante é importante no desenvolvimento das práticas. Ao mesmo tempo, os sentidos das práticas são marcados pelo valor social que lhes são atribuídos tradicionalmente. Os significados sociais e pessoais ligados aos atos sexuais variam historicamente (Vance, 1992) e afetam a decisão dos tipos de programa que as trabalhadoras do sexo aceitam ou não realizar. Suas escolhas são influenciadas pelo contexto sócio-histórico, pelo seu pertencimento social, por sua história de vida e pelos sentidos atribuídos às diferentes práticas sexuais no meio da prostituição.

Assim como reproduz e contribui para a produção de diferentes marcadores sociais, a prostituição revela valores e hierarquias atribuídos socialmente aos atos sexuais (Rubin, 2002). Alguns atos são especialmente alvo de controvérsias. Nas sociedades ocidentais modernas, o sexo anal receptivo foi carregado de um “excesso de significação” (Rubin, 2002), sendo associado à passividade sexual e social e utilizado na distinção entre heterossexuais e homossexuais (Fry, 1982). Esse modelo tradicional, embora questionado e parcialmente substituído por um modelo igualitário a partir dos anos 1970, ainda tem largo alcance, como se percebe no fato de que os clientes que pedem sexo anal receptivo têm quase sempre sua masculinidade questionada pelas prostitutas. O sexo anal penetrativo na profissional também é alvo de controvérsias. Algumas delas reiteram, por exemplo, que essa prática desvaloriza a mulher, atribuindo uma ligação entre pureza moral e práticas sexuais (Leal, 2005), e

consideram que o sexo anal é um elemento que distingue, mesmo as prostitutas, entre “honradas” e “vulgares”. Ao longo de sua carreira, muitas profissionais continuam desqualificando as práticas anais ou outras “desviantes”.

Mas diversas mulheres assinalam o desenvolvimento de conhecimentos corporais e sexuais sobre os homens (inclusive, aprimorando técnicas para fazer o cliente ejacular mais rápido) e sobre si mesmas.

Fazendo programa você vai vendo muito, aprendendo muito, você vai se soltando mais. É... aprendendo a conhecer si própria, porque tem muita mulher, mulheres casadas ou solteiras, que não se conhecem, não se tocam, não sabem onde é o ponto em que ela tem mais tesão, onde ela sente mais a sensação. Entende? E aqui, geralmente, a mulher querendo ou não, ela acaba se tocando, ou o homem acaba tocando pontos assim, que ela vai descobrindo: “Nossa, é ali! Ali que eu sinto mais tesão, se fizer isso, eu vou sentir mais tesão!” Entendeu? E assim você vai aprendendo... muitos anos de estrada! (Daniela, branca, em torno de 40 anos).

Uma série de fatores pessoais, sociais e da trajetória de vida influenciam as práticas sexuais, dentre os quais não podemos esquecer que o prazer sexual da mulher vem passando por uma valorização, principalmente desde a década de 1970 (Hite, 2002). Mas a prostituição parece favorecer esse conhecimento sexual. Diversas trabalhadoras, inclusive uma trans, apontaram que a quantidade de homens com quem fazem programa é o que faz com que percebam o que lhes dá prazer e passem a ter mais orgasmos (ou os tenham pela primeira vez). Algumas mulheres assinalam também que no programa a falta de pressão para atingir o orgasmo e o fato de o sexo não estar atrelado a uma relação acabam favorecendo o prazer sexual.

A sensação de distinção entre sexo e sentimentos parece se aguçar na prostituição; “o sexo é prazer; o amor é outra coisa. A gente tem que começar a separar isso. Você pode gozar com um homem e nunca amar ele”, diz Sofia. Mas, marcado pelo *script* de gênero, ainda predomina entre muitas de minhas interlocutoras como “orientação íntima” – um modo de interpretar e de construir a sexualidade – um modelo em que a atividade sexual mais valorizada é voltada para a construção e consolidação de uma relação, para o laço sentimental (Bozon, 2001). Muitas trabalhadoras declaram dar mais valor ao sexo com paixão ou pelo menos ao sexo com um “sentimento especial”, “algo mais que desejo sexual”. Uma jovem baiana conta que tem orgasmos com clientes

e, às vezes, com homens que não a atraem. Chega a se sentir culpada depois, por ter namorado, e por ter gozado com um cliente “feio”.

Em seu cotidiano, as pessoas participam de diversos contextos sociais e estabelecem conexões particulares entre eles (Dreier, 2008). Os conhecimentos sexuais que as trabalhadoras do sexo trazem de sua vida privada são utilizados nos programas, e aqueles que desenvolvem nos hotéis não ficam sempre restritos ao trabalho. Elas narram, por exemplo, como sua prática e expectativas sexuais com os parceiros pessoais são afetadas pela realização do trabalho do sexo, de maneira positiva e negativa: melhoram sua *performance*, descobrem ou aprendem mais sobre seu prazer sexual, mas algumas passam a sentir dificuldade de dissociar sexo e dinheiro. As mudanças de seus conhecimentos sobre os homens vão além da questão sexual, fazendo-as reinterpretar suas experiências amorosas passadas ou temer novos envolvimento, taxando os homens de “perversos” e “infieis”.

Histórias de práticas

Na zona boêmia, embora haja concorrência e disputa entre prostitutas, há cooperação entre elas no desenvolvimento de competências, circulação de informações e ajuda com clientes-problemas. Vitor Costa (2013) nota que a transmissão de repertórios¹⁰ e a socialização de neófitas são mais facilitadas na zona boêmia que na prostituição de rua ou em boates de Belo Horizonte. Há uma cultura de transmissão de conhecimentos, que se expande inclusive aos clientes; as prostitutas os orientam na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e dão conselhos conjugais.

Pode-se imaginar que nem tudo é falado às colegas, pela concorrência econômica, por uma questão de autoestima, ou pela reprovação pela comunidade de algumas práticas, como fazer programa sem preservativo ou cobrar menos que o mínimo estipulado. Mas já presenciei muitas vezes as prostitutas contando às outras suas técnicas de trabalho e de sedução dos clientes. Uma veterana que tem fama de estar sempre com o quarto ocupado contou a duas colegas que para fazer seus clientes se sentirem especiais, fala a eles que teve um orgasmo, mesmo se é uma técnica que, disseminada, perde seu efeito.

¹⁰ Costa percebe que a Aproxmig colabora também na difusão de repertórios de segurança.

Em entrevistas com mais de uma prostituta ou em reuniões, é comum que uma delas comece a contar um caso e as outras emendem com suas próprias experiências. As cenas sugerem uma ostentação do domínio da prática. Os temas mais comuns relacionados aos programas são histórias que enaltecem seu poder de sedução e falam da atração e dos afetos dos clientes por elas; salientam sua esperteza; revelam seu prazer sexual com alguns clientes; ou narram alguma “inadequação” ou preferência sexual “bizarra” dos clientes, atribuindo-lhes uma sexualidade desviante. O modo como narram a história, para as colegas e para mim, como entrevistadora, é performático e incita muitas vezes o humor.¹¹ Além disso, os casos das prostitutas encenam seu saber profissional e uma atitude de poder frente ao cliente. Seja porque elas fascinam ou ludibriam os clientes, ou porque tiram proveito sexual de alguns programas, os casos não vitimizam as prostitutas – ao contrário, ressaltam seu controle da situação.

Através de tais histórias, elas ensinam às outras mulheres como trabalhar; que postura adotar frente aos clientes ou ao preconceito fora dos hotéis; como conquistar a clientela; e ainda como tomar decisões em situações complicadas (Jordan, 1989; Lave; Wenger, 1991). As histórias mostram uma prática linguística, *como falar – how to talk* (Lave; Wenger, 1991, itálico no original) – como uma prostituta da zona boêmia, ilustrando um modo de fala e um vocabulário com termos explicitamente sexuais e sensuais, mas também com toques de afetividade, central na prostituição na zona boêmia. Reproduzindo um caso, tratam correntemente os clientes com termos como “amorzinho” ou “meu bem”. Em uma entrevista com duas colegas, Eduarda, mais velha, contou que ensinou Fabiana a não tratar os clientes com brutalidade, mostrando como se deve proceder para tratar o cliente com carinho e, ao mesmo tempo, não se deixar abusar: “Oh, meu amor, está me machucando, não é assim que se pega em mulher não, mulher é igual flor. Se você apertar a flor, ela não murcha!?”

¹¹ Maria Filomena Gregori (2011, p. 3) assinala também a presença forte de risos em entrevistas sobre a utilização de *sex toys*: “Falar sobre o sexo constrange, ainda mais se o convite sugere discorrer sobre predileções e fantasias que envolvem ou articulam a imaginação às convenções normativas, ao corpo e suas sensações e fluidos.” Percebe também diferentes tipos de risos, nervosos ou de relaxamento. Segundo Molinier (2005), o riso pode tirar a carga ansiogênica de questões delicadas, como a sexualidade, tornando os casos tragicômicos.

De acordo com Lave e Wenger, *falar sobre* a prática assinala o pertencimento do membro e reforça formas de memória e de reflexão da comunidade. As veteranas da zona boêmia têm um modo elaborado de fala, com mais uso de humor e de alusões sexuais, assim como fazem constantemente referência ao passado da zona boêmia. Um modo mais “esculachado” de falar é estranhado por certas mulheres. Barbara pensou em sair da prostituição quando percebeu que estava falando palavrões. Marcela se assustou quando, em um curso de idiomas, conversando com colegas sobre o professor, soltou um “delícia” se referindo a ele. Percebemos que os saberes vão sendo incorporados e circulam entre os contextos de suas vidas.

Conflitos e reprodução da prática

Embora a competência no ofício implique aprender a se portar como uma prostituta, a identificação como prostituta é contraditória. Muitas mulheres não querem adotar essa identidade estigmatizada e afirmam estar apenas de passagem pela atividade. Algumas jovens veem o exemplo de veteranas que não adquiriram bens e não conseguiram sair da prostituição como um contra-exemplo. Temem envelhecer na prostituição, principalmente tendo em vista que, com a idade, há o risco de queda na clientela. Isso levanta uma questão relativa à própria aprendizagem: como se guiar pela prática das mais experientes se elas são, em geral, o exemplo que as mais novas não querem seguir? As iniciantes exprimem a intenção de focar em seus objetivos econômicos e, algumas, de não se relacionar com as colegas.

O ciclo de reprodução na zona boêmia é variável. Há mulheres que saem rapidamente, algumas voltam após uma ruptura de conjugalidade, e outras trabalham nos hotéis durante muitos anos seguidos. A entrada de iniciantes ameaça a clientela das veteranas, mesmo se estas investem sobretudo em clientes “fixos”. E as novas gerações tendem a deslocar as mais velhas para hotéis mais baratos. O conflito de gerações aparece em críticas das mais velhas aos modos “vulgares” das mais novas, como o uso de apelo sexual e nudez para atrair clientes e a realização de práticas sexuais que supostamente as veteranas não faziam, como o sexo anal.

Até a década de 1980, as gerentes dos hotéis eram sobretudo mulheres e elas transmitiam às prostitutas preceitos morais e modelos de comportamentos a serem seguidos. Não deixavam as mulheres circularem nuas nos

corredores e recomendavam que saíssem dos hotéis bem vestidas. Uma antiga gerente, D. Leda, é lembrada por muitas pessoas. Pregava na parede da gerência “dez mandamentos” e era rigorosa quanto aos “bons modos” das prostitutas. Levava, ao mesmo tempo, as mulheres a economizar, depositar diariamente o dinheiro ganho no banco e as ajudava a alugar ou comprar imóveis. Além disso, aconselhava as mulheres a não serem rudes com clientes mais humildes, já que eles podiam ser mais generosos que clientes abastados – o que continua sendo repetido por prostitutas na zona boêmia. Outra advertência antiga que ainda circula entre algumas pessoas é de não desenvolver amizade muito próxima com outras trabalhadoras do sexo, desconfiar.

As histórias contadas na zona ajudam as prostitutas a criar repertórios de ação, transmitem valores, posturas e linguagens. As iniciantes se familiarizam com as práticas e seus sentidos, guiam-se por um modelo de profissional (por exemplo, mais carinhosa ou “safada”) e, ao mesmo tempo, desenvolvem um estilo próprio, de acordo com suas próprias particularidades e com a percepção de seus efeitos sobre os clientes. Alteram sua forma de participação e isso não acontece em contexto estático (Lave; Wenger, 1991); as práticas sexuais e relacionais estão em transformação na comunidade da zona boêmia e no mundo em geral.

A zona boêmia de Belo Horizonte, com seus prédios históricos, equipados agora com detectores de metal, televisores e máquinas de cartão de crédito, abrigam diversas interações, novas e velhas práticas, novatas, mulheres de passagem rápida e veteranas com mais de três décadas de experiência. Coexistem distintas práticas nos hotéis e a diversidade de gerações, de perfis e de projetos torna a zona uma interessante “comunidade de prática” (Lave; Wenger, 1991). Valores e práticas vão sendo reproduzidos e modificados, sendo afetados por mudanças relativas a questões de gênero, sexualidade, política e economia. Pensar a aprendizagem no mercado do sexo implica olhar para a prática como um todo, para as participantes acurando seus movimentos corporais, suas habilidades relacionais e seus repertórios; para os usos e sentidos atribuídos às práticas; para as construções e reformulações de relações; e para as conexões com outros contextos.

Referências

- ANDRADE, L.; TEIXEIRA, A. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, n. 11, p. 137-157, 2004.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (Org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 257-264.
- BERNSTEIN, E. *Temporarily yours: intimacy, authenticity, and the commerce of sex*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- BERNSTEIN, E. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, p. 315-362, 2008.
- BLANCHETTE, T. “Fariseus” e ”gringos bons”: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011. p. 57-103.
- BLANCHETTE, T.; SILVA, A. P. *Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano*. 2009. Paper apresentado. Diálogo Latino-Americano sobre Sexualidade e Geopolítica, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2016.
- BOZON, M. Orientations intimes et constructions de soi. Pluralité et divergences dans les expressions de la sexualité. *Sociétés contemporaines*, n. 41-42, p. 11-40, 2001.
- CHAPKINS, W. *Live sex acts: women performing erotic labour*. London: Cassell, 1997.
- COSTA, V. L. *Lidando com a violência: a construção e transmissão de repertórios de segurança entre prostitutas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DÍAZ-BENITES, M. E. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DREIER, O. *Psychotherapy in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FRANÇA, M. *Intérêts, sexualités et affects dans la prostitution populaire: le cas de la zona bohème de Belo Horizonte*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia)–École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2011.

FRANÇA, M. Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 321-346, 2014.

FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.

GAGNON, J. *Les scripts de la sexualité: essais sur les origines culturelles du désir*. Paris: Payot, 2008.

GIAMI, A. John Gagnon et la perspective des scripts de la sexualité. In: GAGNON, J. *Les scripts de la sexualité: essais sur les origines culturelles du désir*. Paris: Payot, 2008. p. 7-36.

THE GIRLFRIEND experience. Direção: Steven Soderbergh. New York: Magnolia Pictures, 2009.

GOMES, A. M. R. et al. *Learning and culture: learning [the] culture in Brazil*. 2012. Trabalho apresentado. American Anthropological Association Meeting, San Francisco, 2012.

GREGORI, M. F. Usos de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 313-336, 2011.

HITE, S. L'orgasme. In: HITE, S. *Le nouveau rapport Hite*. Paris: Robert Laffond, 2002. p. 101-184.

HOCHSCHILD, A. *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley: University of California Press, 2003.

- INGOLD, T. Beyond art and technology: the anthropology of skill. In: SCHIFFER, M. (Ed.). *Anthropological perspectives on technology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2001. p. 17-31.
- INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.
- JEANTET, A. L'émotion prescrite au travail. *Travailler*, Paris, n. 9, p. 99-112, 2003.
- JORDAN, B. Cosmopolitical obstetrics: some insights from the training of traditional midwives. *Social Science & Medicine*, Oxford, v. 28, n. 9, p. 925-944, 1989.
- KELLY LUCIANI, J. A. Kopenawa Davi et Bruce Albert, La chute du ciel. Paroles d'un chaman yanomami. *Journal de la Société des Américanistes*, Nanterre, v. 97, n. 1, p. 339-357, 2011.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami*. Paris: Plon, 2010. (Collection "Terre humaine").
- LAVE, J. *Apprenticeship in critical ethnographic practice*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LEAL, A. Práticas sexuais no contexto da conjugalidade: o que implica a intimidade?. In: HEILBORN, M. L. et al. (Org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 61-85.
- MOLINIER, P. Le care à l'épreuve du travail. Vulnérabilités croisées et savoir-faire discrets. In: PAPERMAN, P.; LAUGIER, S. (Ed.). *Le souci des autres: éthique et politique du care*. Paris: EHESS, 2005. p. 299-316. (Raisons Pratiques n. 16).
- OLIVAR, J. M. N. *Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, A. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 17-32, 2007.

PISCITELLI, A. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011. p. 537-582.

PISCITELLI, A. Prefácio. In: OLIVAR, J. M. N. *Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 21-27.

RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, M. et al. *Prostituição feminina em regiões de fronteira: actores, estruturas e processos*. Relatório final. Vila Real: [s.n.], 2005.

RUBIN, G. Penser le sexe. In: RUBIN, G. *Marché au sexe*. Paris: EPEL, 2002. p. 63-139.

SOUSA, F. R. de; OLIVEIRA, M. W. de. A noite educa: saberes de experiência consolidados no trabalho sexual. *Revista de Ciências da Educação*, ano 14, n. 27, p. 1-17, 2012.

VANCE, C. Pleasure and danger: towards a politics of sexuality. In: VANCE, C. (Ed.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. London: Pandora, 1992. p. 1-27.

ZELIZER, V. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 32, p. 135-157, 2009.

Recebido em: 26/02/2016

Aprovado em: 30/09/2016